



EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NO COTIDIANO ESCOLAR: VOZES ESTUDANTIS SOBRE VIVÊNCIAS E DESAFIOS – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Rute Daisy Veloso Nascimento¹

Matheus Freire De Oliveira Couto²

Anderson Vicente Da Silva³

RESUMO

O presente resumo narra uma experiência vivida no contexto escolar, no âmbito do projeto Educação Socioemocional no Cotidiano Escolar: Vozes Estudantis sobre Vivências e Desafios, desenvolvido junto a turmas do 3º ano do ensino médio em uma instituição de ensino pública (erem). Com base em uma abordagem qualitativa e participativa, foram realizados grupos focais, cujas falas foram transcritas e analisadas à luz do referencial teórico inspirado em Paulo Freire (1996), bell hooks (2013), Haim Ginott (2001), Hoffmann (1994), Behrens e Machado (2005), além de discussões sobre metodologias ativas. A pesquisa buscou compreender como os estudantes vivenciam e percebem o acolhimento, o diálogo e o cuidado com as emoções no ambiente escolar. Os resultados revelam um panorama de desafios emocionais e estruturais: sobrecarga do ensino integral, falta de escuta e empatia por parte de professores e gestores, metodologias pouco engajadoras, cobranças excessivas voltadas ao desempenho e carência de espaços de acolhimento emocional. Apesar das dificuldades, os estudantes demonstraram disposição para contribuir com soluções, sugerindo metodologias ativas, maior integração entre disciplinas e valorização de suas vozes na gestão escolar. A análise aponta para a urgência de práticas pedagógicas que integrem razão e emoção, promovendo um espaço escolar mais humano, dialógico e sensível às necessidades dos alunos, onde a escuta, o vínculo e o afeto sejam pilares da formação integral.

¹ Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade De Pernambuco- UPE, rute.daisynascimento@upe.br

² Mestre em Educação Profissional pela Universidade De Pernambuco - UPE, matheusfreire1995@hotmail.com;

³ Professor orientador: Doutor, Universidade Federal De Pernambuco -UFPE, anderson.vicentedasilva@upe.br.



Palavras-chave: Educação emocional, Grupo focal, Escola, Emoções, Inclusão

IX Seminário Nacional do PIBID

INTRODUÇÃO

A educação emocional tem se consolidado como dimensão essencial da formação integral, ao reconhecer que o desenvolvimento cognitivo não pode ser dissociado das experiências afetivas e relacionais dos sujeitos. Autores como Paulo Freire (1996), ao tratar da educação como ato de amor e coragem, e bell hooks (2013), ao propor a educação como prática da liberdade, reforçam a centralidade do diálogo, da escuta e do acolhimento no processo pedagógico. Nesse sentido, a escola deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos e se configura como ambiente que influencia profundamente o bem-estar, a motivação e o engajamento dos estudantes.

O presente projeto, intitulado “Educação Socioemocional no Cotidiano Escolar: Vozes Estudantis sobre Vivências e Desafios”, foi desenvolvido junto a turmas do 3º ano do ensino médio em uma instituição pública de ensino (EREM), com o objetivo de compreender como os estudantes vivenciam e percebem o acolhimento, o diálogo e o cuidado com as emoções no cotidiano escolar. A escolha pela escuta ativa das vozes estudantis justifica-se pela necessidade de reconhecer os sujeitos como protagonistas de suas trajetórias formativas e como agentes capazes de propor alternativas para a construção de um ambiente escolar mais humano.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e participativa, fundamentada na realização de grupos focais com estudantes. As falas foram registradas em áudio, transcritas e analisadas a partir de categorias temáticas. Os resultados revelaram um panorama marcado por desafios emocionais e estruturais, tais como a sobrecarga decorrente do ensino integral, a ausência de escuta e empatia por parte de alguns professores e gestores, metodologias pouco engajadoras, cobranças excessivas voltadas ao desempenho e a carência de espaços adequados de acolhimento.

Apesar dessas dificuldades, os estudantes demonstraram disposição em contribuir com soluções, sugerindo práticas pedagógicas baseadas em metodologias ativas, maior integração interdisciplinar e valorização de suas vozes na gestão escolar. A análise evidencia a urgência





de práticas pedagógicas que integram razão e emoção, reforçando que a dimensão socioemocional é indissociável da aprendizagem. Conclui-se que a adoção de práticas humanizadas e dialógicas pode transformar a escola em um espaço de maior inclusão, cuidado e emancipação, alinhado às necessidades e expectativas dos alunos.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa, realizada por meio de grupos focais, com abordagem participativa. O roteiro aplicado – 'Como Você Se Sente na Escola?' – teve como objetivo compreender como os estudantes se percebem no ambiente escolar, investigando os desafios emocionais e sociais enfrentados no cotidiano. Foram aplicadas perguntas norteadoras sobre motivação, cansaço, acolhimento, diálogo e relação com professores. Os áudios gravados foram transcritos para análise e as falas organizadas em categorias temáticas. O anonimato foi garantido, e os participantes foram incentivados a compartilhar experiências livremente.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação emocional tem se afirmado como um componente essencial da formação integral, compreendendo que os processos de aprendizagem não se restringem ao desenvolvimento cognitivo, mas envolvem dimensões afetivas, éticas e relacionais. Nessa perspectiva, diversos autores destacam que a escola necessita assumir uma postura mais humana, sensível e dialógica, reconhecendo os estudantes como sujeitos integrais.

Paulo Freire (1996) ressalta que a prática educativa é um ato de amor e coragem, fundamentado no diálogo, no respeito aos saberes prévios e na valorização da experiência dos estudantes. Para o autor, aprender envolve humanizar-se e humanizar o outro, numa relação pedagógica em que escuta, acolhimento e presença são elementos indispensáveis. Na mesma direção, bell hooks (2013) propõe uma educação como prática da liberdade, compreendendo que o processo educativo deve promover criticidade, afeto, engajamento e responsabilidade.





Ao defender o papel do afeto na construção da autonomia intelectual, hooks destaca a importância de relações pedagógicas mais democráticas e sensíveis às realidades emocionais dos aprendizes.

O impacto da comunicação afetiva nas relações educativas é enfatizado por Haim Ginott (2001), para quem a postura emocional do professor influencia diretamente a autopercepção, a motivação e o comportamento dos estudantes. A forma como o docente se comunica pode estimular a autoestima e a segurança emocional ou, ao contrário, gerar medo, vergonha e retraimento. Hoffmann (1994), ao discutir a avaliação mediadora, amplia esse debate ao defender práticas avaliativas pautadas no diálogo, na escuta e na valorização das trajetórias individuais, compreendendo a avaliação como um espaço de construção de sentido e não de controle. Behrens e Machado (2005) reforçam essa concepção ao destacar que a prática educativa deve ser sustentada por princípios éticos, empáticos e sensíveis, superando abordagens tecnicistas e conteudistas que desconsideram a dimensão afetiva do processo formativo. Para as autoras, a educação emocional consiste em reconhecer que os vínculos e a sensibilidade são elementos estruturantes da aprendizagem significativa.

As ciências sociais também contribuem para compreender a dimensão emocional do cotidiano escolar. Erving Goffman (1967) analisa as interações sociais como performances nas quais indivíduos administram impressões e sentimentos para manter a “face” e a ordem interacional. No contexto escolar, essa abordagem permite compreender como emoções como vergonha, medo, entusiasmo ou desmotivação são produzidas e reguladas nas relações entre estudantes, professores e gestores. Assim, a falta de escuta, o autoritarismo e a rigidez institucional podem gerar rupturas nas interações, provocando sentimentos de invisibilidade ou desengajamento.

Enquanto isso, Viktor Frankl (2005) oferece uma perspectiva psicológica existencial, ao compreender que a motivação fundamental do ser humano é a busca de sentido. Quando experiências escolares são marcadas pela ausência de diálogo, de significado ou de reconhecimento, instala-se o que o autor denomina “frustração existencial”, manifestada em cansaço, desmotivação e sensação de vazio. Dessa forma, a educação emocional também pode ser entendida como via para nutrir propósito, responsabilidade e autenticidade no percurso formativo dos estudantes.





Além dos clássicos, pesquisas recentes têm ampliado e atualizado a discussão sobre educação socioemocional. Cordeiro, Marques e Costa (2021) destacam que o desenvolvimento das habilidades socioemocionais exige práticas pedagógicas que promovam vínculo, acolhimento e participação ativa dos estudantes, especialmente em contextos de vulnerabilidade emocional. Gonçalves, Costa e Frazão (2023) reforçam que o desenvolvimento dessas competências está diretamente relacionado ao clima escolar, às relações interpessoais e à existência de espaços adequados de acolhimento emocional.

Bedin, Nunes e Tonial (2024), em revisão sistemática sobre intervenções socioemocionais com adolescentes, evidenciam que práticas educativas sensíveis às emoções contribuem para a redução do estresse, para o fortalecimento do engajamento e para a melhoria dos vínculos escolares. Tais achados dialogam com Santos et al. (2025), que propõem a “Pedagogia do Encontro”, fundamentada no vínculo, na escuta e no reconhecimento como pilares de uma formação verdadeiramente humanizada. Já Veloso et al. (2025) apontam as metodologias ativas como estratégias efetivas para integrar cognição e emoção, promovendo maior participação e construção coletiva de sentido.

Assim, o conjunto da literatura evidencia que a educação emocional não é um elemento periférico, mas constitui um eixo estruturante para a construção de práticas pedagógicas que integrem aprendizagem, vínculo e sentido. Ao articular contribuições de autores clássicos e contemporâneos, bem como pesquisas recentes, este estudo se fundamenta em uma perspectiva que compreende o estudante em sua complexidade, afirmando que o cuidado com as emoções é condição indispensável para uma experiência escolar mais justa, humana e transformadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das transcrições realizadas nos grupos focais possibilitou a organização dos dados em seis categorias principais, que evidenciam os desafios e as percepções dos estudantes em relação ao cotidiano escolar. A primeira categoria, sobrecarga e cansaço, refere-se à rotina intensa do ensino integral, que tem gerado desgaste físico e emocional entre os estudantes, impactando diretamente sua motivação para aprender. Em suas falas, fica





evidente o sentimento de esgotamento, que reflete a necessidade de um olhar mais atento ao equilíbrio entre carga horária e bem-estar. Tal quadro dialoga com Bedin, Nunes e Tonial (2024), que apontam que adolescentes submetidos a ambientes escolares altamente exigentes tendem a desenvolver sinais de estresse, desmotivação e queda na participação social.

A segunda categoria, falta de escuta e empatia, foi observada nas relações com a gestão escolar e alguns docentes, revelando a ausência de diálogo efetivo e acolhimento das necessidades dos alunos. Essa carência de escuta ativa reforça a importância de práticas pedagógicas humanizadas e participativas. Sob a perspectiva sociológica de Goffman (1967), falhas na comunicação entre professores e estudantes provocam rupturas na ordem interacional e ameaçam a “face” dos alunos, gerando sentimentos de vergonha, retraimento e invisibilidade.

A terceira categoria, relações difíceis com professores, está associada ao uso predominante de metodologias tradicionais e pouco engajadoras, que acabam gerando distanciamento e desmotivação, dificultando o vínculo entre docentes e discentes. Cordeiro, Marques e Costa (2021) reforçam que práticas pedagógicas centradas no professor e desprovidas de acolhimento emocional fragilizam as relações e impedem o desenvolvimento pleno das habilidades socioemocionais.

A quarta categoria, cobrança excessiva e desmotivação, relaciona-se à ênfase em simulados, comparações e metas de desempenho. Os estudantes relataram que tais práticas intensificam a pressão e reduzem o prazer em aprender, tornando o processo educativo mais competitivo do que formativo. À luz da Logoterapia, Frankl (2005) explica que a ausência de sentido nas atividades cotidianas pode gerar frustração existencial, percepção de vazio e perda de motivação, exatamente o que se expressa nas falas dos alunos.

Em paralelo, a quinta categoria, estrutura física e emocional precária, aponta a ausência de espaços adequados de acolhimento, lazer e descanso, o que agrava os efeitos da sobrecarga escolar e limita as oportunidades de convivência saudável. Estudos como os de Gonçalves, Costa e Frazão (2023) destacam que ambientes escolares que negligenciam o cuidado emocional prejudicam não apenas o bem-estar, mas também o desenvolvimento das competências socioemocionais básicas, como empatia, autocontrole e cooperação.





Por fim, a categoria propostas estudantis evidencia a postura crítica e propositiva dos alunos, que sugerem o uso de metodologias ativas, maior diálogo entre professores e estudantes, integração interdisciplinar e participação mais efetiva na gestão escolar. Essas sugestões reforçam a necessidade de práticas mais democráticas e afetivas no ambiente educacional, convergindo com discussões de Veloso et al. (2025) sobre o papel das metodologias ativas na integração entre cognição e emoção.

Esses achados revelam um panorama em que as dimensões emocionais e relacionais da escola ainda são pouco valorizadas, comprometendo a formação integral. Ao mesmo tempo, os estudantes se mostram engajados em apontar caminhos para superar tais barreiras, indicando a relevância de uma pedagogia participativa. Do ponto de vista teórico, os resultados dialogam diretamente com Freire (1996), ao destacar a necessidade de práticas educativas pautadas no amor e na escuta; com hooks (2013), ao defender uma educação como prática da liberdade, fundada no afeto e no diálogo; com Ginott (2001), ao ressaltar o papel da comunicação afetiva docente no desenvolvimento socioemocional; e com Hoffmann (1994), ao propor uma avaliação mediadora capaz de reconhecer a singularidade dos estudantes. A incorporação de Goffman (1967) contribui ao evidenciar que os conflitos emocionais emergem das interações sociais reguladas pela escola, enquanto Frankl (2005) proporciona uma compreensão existencial sobre a perda de sentido como elemento central da desmotivação estudantil.

Assim, os resultados não apenas sistematizam os desafios enfrentados pelos estudantes, mas também corroboram a literatura que defende a centralidade do vínculo afetivo, do sentido e da interação social no processo educativo. Conclui-se que a educação emocional pode ser compreendida como ferramenta estratégica para a promoção da inclusão, da motivação e do bem-estar, reafirmando a urgência de políticas e práticas pedagógicas mais humanizadas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato de experiência evidenciou a importância da educação emocional como dimensão estruturante do processo formativo no ensino médio. A partir da escuta das vozes estudantis, foi possível identificar desafios significativos, como o cansaço decorrente da sobrecarga do ensino integral, a desmotivação provocada por cobranças excessivas e a ausência de escuta e empatia em determinadas práticas pedagógicas. Esses achados revelam que a escola ainda precisa avançar na construção de um espaço relacional e afetivo, capaz de integrar as dimensões cognitivas e emocionais da aprendizagem.

Por outro lado, os próprios estudantes apontaram caminhos promissores, como a adoção de metodologias ativas, o fortalecimento do diálogo e a valorização de sua participação na gestão escolar. Tais propostas demonstram que a comunidade discente se mostra disposta a contribuir com soluções e que práticas humanizadas podem fortalecer o vínculo e o engajamento no processo de ensino-aprendizagem.

Do ponto de vista empírico, os resultados sugerem que a inserção da educação socioemocional nas políticas escolares pode favorecer o bem-estar, a inclusão e a democratização da educação, beneficiando não apenas os estudantes, mas toda a comunidade escolar. Para a comunidade científica, o estudo contribui ao reforçar a pertinência de pesquisas que articulem razão e emoção na prática pedagógica, dialogando com teorias de autores como Freire (1996), hooks (2013) e Ginott (2001).

Reconhece-se, entretanto, a necessidade de novos estudos que ampliem o escopo da investigação, explorando diferentes contextos escolares, ciclos de ensino e perspectivas de outros atores educativos, como gestores, famílias e docentes. Assim, este trabalho abre caminhos para futuros diálogos acadêmicos e práticos, reafirmando a educação emocional como campo fértil de reflexão e ação, essencial para a transformação das escolas em espaços mais humanos, dialógicos e emancipadores.

.





AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força, sabedoria e inspiração em cada etapa desta caminhada.

Expresso minha profunda gratidão ao meu professor orientador, pelo acompanhamento atento, pelas orientações teóricas e pelo incentivo constante durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos colegas que colaboraram na confecção do projeto, compartilho meu reconhecimento pelo apoio mútuo, pelas trocas de ideias e pela parceria ao longo de todo o processo.

Estendo meus sinceros agradecimentos ao professor supervisor do PIBID, cuja dedicação, dinamismo e comprometimento foram fundamentais não apenas para a execução desta pesquisa, mas também para a enriquecedora vivência prática proporcionada ao longo de todo o processo. Seu apoio, orientação atenta e incentivo constante contribuíram significativamente para o desenvolvimento do projeto, tornando esta experiência acadêmica mais enriquecedora e significativa.

Por fim, agradeço com carinho à minha família, por todo amor, paciência e incentivo, por acreditarem em mim e sustentarem meus sonhos mesmo nos momentos mais desafiadores.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta jornada, deixo o meu sincero agradecimento.



REFERÊNCIAS

- BEDIN, Livia Maria; NUNES, Felipe Rispoli; TONIAL, Ana Luiza. Intervenções socioemocionais com adolescentes em escolas: uma revisão sistemática de literatura. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 25, n. 2, p. 196–207, 2024. DOI: 10.17921/2447-8733.2024v25n2p196-207. Disponível em: <https://revistaensinoeeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/10682>. Acesso em: 19 nov. 2025.
- BEHRENS, Marilda Aparecida; MACHADO, Iliana Juracy Amorim Biscaia. Os saberes docentes na educação emocional. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 5, n. 16, p. 269–280, 2005.
- CORDEIRO, Eugenia de Paula Benício; MARQUES, Morgana Marcelly Costa; COSTA, Mayara Thayana Neves. Educação socioemocional: caminhos para inspirar estudos, pesquisas e práticas. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 14, n. 33, e13729, 2021. DOI: 10.20952/revtee.v14i33.13729.
- FRANKL, Viktor Emil. *A presença ignorada de Deus: psicoterapia e religião*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GINOTT, Haim G. *Entre pais e filhos: a psicologia da comunicação*. São Paulo: Summus, 2001.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.





GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GONÇALVES, Alice Ferreira; COSTA, Josilayne Luiz; FRAZÃO, Milena de Souza. O desenvolvimento de habilidades socioemocionais na educação. *Revista Espaço Livre*, v. 17, n. 34, p. 91–103, 2023. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rel/article/view/1407>. Acesso em: 19 nov. 2025.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação mediadora: uma relação dialógica na construção do conhecimento. In: *Avaliação do rendimento escolar*. São Paulo: FDE, 1994. p. 51–59.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SANTOS, Antonio Nacílio Sousa dos et al. Por uma “Pedagogia do Encontro” – vínculo, escuta, afeto e reconhecimento na relação professor-aluno na formação humanizada a partir das contribuições teóricas de Paulo Freire, bell hooks e Haim Ginott. *ARACÊ*, v. 7, n. 5, p. 21416–21459, 2025.

VELOSO, Gabriel Maia et al. Metodologias ativas e a tradução do conhecimento na educação em saúde: uma revisão integrativa. *Caderno Pedagógico*, v. 22, n. 6, p. e15550–e15550, 2025.

